

## Visuais | Exposição

# 32ª Bienal de São Paulo: incertezas vivas?

Faltou arte, onde as certezas são questionadas, e sobram ideologias

### CRÍTICA

DESENHO DA MOSTRA CONSEGUE ALIAR VISIBILIDADE E PRESENÇA DO BELO PRÉDIO

Rodrigo Neves  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Desde o fracasso da União Soviética em construir uma sociedade mais justa igualitária, nenhum outro sujeito social ocupou o lugar da classe operária como motor de transformações sociais profundas e libertárias. Mesmo assim – e por motivos impossíveis de serem discutidos num pequeno artigo de jornal – a ideia de uma sociedade mais igualitária é generosa e permanece no horizonte.

Com relativa frequência surgem alternativas ao protagonismo do operariado nesse movimento de transformação. Na segunda metade da década de 1970, o Khmer Vermelho cambodjano postulava um papel de vanguarda à juventude na criação de um novo homem, na esteira da Revolução Cultural maoísta. Só conseguiu produzir uma das mais sangüinárias ditaduras da era moderna.

As diversas minorias também aparecem frequentemente como possíveis impulsores de uma nova sociedade. Elas têm, inequivocamente, contribuído para mudanças pontuais em leis e costumes, embora sua pouca vocação para poder – talvez, para nossa sorte – não as coloque como alternativa de governo.

Ultimamente, os artistas – sobretudo artistas visuais – vêm

tentando preencher essa “lacuna”, conduzidos por novos Timoneiros, os curadores. Em entrevista à revista *Bambão* de setembro deste ano, o curador-geral da 32ª Bienal Internacional de São Paulo, Jochen Volz, responde da seguinte maneira a uma pergunta da publicação, acerca do mote da exposição, *Incerteza Viva*, que envolve várias questões contemporâneas, da ecologia ao multiculturalismo: “É bonito pensar assim (a natureza não como objeto e sim como sujeito). Aqui você tem a ecologia que se desdobra em micélio (ambiente rico em matéria orgânica), em leis, em bens comuns. Narrativa levou a questões de gênero, feminismo, descolonização, fazendo com que existam outros discursos, e não apenas os dominantes, a serem escutados. Educação é a ideia de valorizar outras formas de conhecimento, de permitir divergências, e está muito presente na discussão, no conhecimento do corpo e das várias culturas do mundo inteiro. É cosmologia tratada de início efêno, no sentido da incerteza tão elementar que é o ‘de onde viemos e para onde estamos indo?’”.

Não é de estranhar que não haja uma palavra sequer sobre arte nessa resposta. As artes visuais, embora não nomeadas, devem se constituir na nova panaceia universal, a chama que ilumina o destino dos povos. Numa mostra com 81 artistas de vários continentes, não há como ir além de uma breve análise de uns poucos trabalhos expostos.

O veterano Frans Krajcberg



FOTOS DE TIAGO QUEIROZ/ESTÁDIO

**Estandartes.** Forte ressonância construtivista nas obras do artista chileno Felipe Mujica



**Oásis.** As telas do jovem pintor do Zimbábue, Misheck Masamvu, são gratas surpresas

há anos vem denunciando a destruição de nossas matas e manguezais. Acredito que esse seu empenho, sem dúvida louvável, e permeado por ambiguidades insolúveis. As intervenções pictóricas e escultóricas em troncos, galhadas e raízes aéreas dizimadas pelos homens ficam perigosamente próximas de um embelezamento da destruição da natureza.

Sem dúvida nossa atuação sobre a realidade tem muito de

paradoxal, aproximando grandeza e devastação. Basta pensar nas hidrelétricas de Itaipu ou de Furnas. Nos trabalhos de Krajcberg, falta sobretudo a revelação da potência do mundo natural, apequenoado por uma beleza pouco desafiadora. Por esse motivo, os três filmes de Leon Hirszman sobre canções de trabalho têm uma força superior. O trabalho árduo da extração do cacau, do corte manual da cana ou de mutirões

para construção de moradias vem acompanhado de comentários canções que dão ritmo e cadência ao esforço humano. O cineasta reconhece simultaneamente essas cenas de trabalho ruidoso e cansativo, com o que se afasta de uma visão paternalista do povo brasileiro, uma noção quase obscena, porque promiscua, da complexidade de nossa população. Lamentavelmente, essa noção permeia boa parte da Bienal. Nos poucos mo-

mentos em que se incorpora com perspicácia a criação das camadas mais pobres das populações mundiais a conquistas da arte moderna e contemporânea, os resultados convencem.

Os estandartes do chileno Felipe Mujica reinem com força as bandeiras de tantas festas laicas e religiosas a formas de forte ressonância construtivista mais o diálogo com a arquitetura de Niemeyer, tirando ótimo partido de inúmeras questões levantadas pela arte contemporânea. Alia Farid, uma jovem artista do Kuwait, realizou um vídeo sobre projeto de Oscar Niemeyer realizado em 1963 para uma Feira Internacional em Trípoli – a segunda maior cidade do Líbano e não a capital da Líbia. O projeto tem grande semelhança com o projeto do Parque Ibirapuera, onde está o prédio da Bienal. A falta de recursos e a prolongada guerra civil libanesa tornaram o parque uma espécie de cidade fantasma, e a delíciadeza da filmagem lembra o vento assoviando sobre ruínas. Aqui, é a natureza que reivindica seus direitos sobre a intrusão humana.

Há gratas surpresas – ao menos para mim – na mostra. As duas telas do jovem pintor Misheck Masamvu, do Zimbábue, são um oásis para os olhos, em meio à cacofonia de jardins-ziricos e casas de barro, muitas delas falsas, com estrutura artificial por baixo. O francês Pierre Huyghe apresenta uma foto e um vídeo instigantes. E os tecidos e desenhos computadorizados da sueca Charlotte Johansson criam uma rica ambiguidade entre a longa tradição da tecelagem e os pixels de um programa de computador.

Por outro lado, alguns bons artistas (Erika Verzutti, José Bento, Francis Alÿs, entre outros) a meu ver não se saíram muito bem. O desenho da mostra, de Alvaro Razaik, é bom, e consegue aliar uma visibilidade digna das obras à presença do belo prédio de Niemeyer. O trabalho dos mediadores educativos é solícito e com informações precisas. Faltou arte, que é onde realmente nossas certezas são postas em xeque. Ideologias são tigres de papel.

**32ª BIENAL DE SÃO PAULO Pavilhão Ciclotão Matarazzo.** Pq. do Ibirapuera, portão 3: 5576-7600. 3ª, 4ª, 6ª e dom. 9h/19h; 5ª e sáb. 9h/22h. Grátis. Até 11/12